

Fausto Viana, Carolina Bassi de Moura, Maria Celina Gil,
Sergio Ricardo Lessa Ortiz e Juliana Birchal (orgs.)

**Dos bastidores eu vejo o mundo:
cenografia, figurino, maquiagem
e mais**

Volume XII
Edição Especial 15 anos do
GT Traje de cena no
Colóquio de Moda

ISBN 978-85-7205-301-3
DOI 10.11606/9788572053013

São Paulo
ECA -USP
2025


ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO


NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Organização: Fausto Viana, Carolina Bassi de Moura, Maria Celina Gil, Sergio Ricardo Lessa Ortiz e Juliana Birchal
Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges
Capa: Maria Eduarda Borges

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

D722 Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : volume XII : edição especial 15 anos do GT Traje de Cena no Colóquio de Moda / organização Fausto Viana ... [et al.]. – São Paulo : ECA-USP, 2025.
PDF (371 p.) : il. color.

ISBN 978-85-7205-301-3
DOI 10.11606/9788572053013

1. Traje de cena. 2. Figurino. 3. Cenografia. 4. Colóquio de Moda. I. Viana, Fausto.

CDD 23. ed. – 792.026
Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizamos a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais – volume XII – Edição Especial 15 anos do GT Traje de cena no Colóquio de Moda. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues

Vice-diretor: Prof. Dr. Mário Rodrigues Videira Junior

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

Capítulo 15

A CABANA DO PAI TOMÁS (REDE GLOBO, 1969): UM RELATO SOBRE *BLACKFACE*

Uncle Tom's Cabin (Rede Globo, 1969): a report on blackface

Candido, Sofia Bernardino Grunewald; Mestranda; Universidade de
São Paulo, sofia.grunewald@usp.br

Borges, Maria Eduarda Andreazzi; Doutoranda; Universidade de São
Paulo, mariaeduardapesquisa@gmail.com

Viana, Fausto; Livre-docente; Universidade de São Paulo,
faustoviana@uol.com.br

1. Quando o protagonista excede seu papel – ou melhor: seus papéis.

Eles só querem fazer o Tomás. Mostrar que têm talento. E isso não é racismo. É um direito do homem de cor.

Plínio Marcos

Figura 1 – Sergio Cardoso, nos anos de 1940 (?)



Fonte: Coleção Aplauso¹.

¹ Disponível em <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.812.894/12.0.812.894.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2025.

Sergio Cardoso (1925–1972) – talvez um dos maiores atores que o Brasil já conheceu e amou intensamente – não era de modo algum um ator iniciante quando tiveram início as gravações da novela *A Cabana do Pai Tomás*, em 1969. Na TV já havia participado de 7 obras, mas foi mesmo no teatro que desenvolveu incrivelmente seu potencial artístico: em 1969, ele já havia participado de 71 espetáculos. Dentre estes, alguns se tornaram ícones da memória teatral brasileira: o *Hamlet* do Teatro dos Doze, em 1949 (para o qual desenhou cenários e figurinos); no Teatro Brasileiro de Comédia, *O Mentiroso* (1949); *Entre quatro paredes* e *A Ronda dos Malandros* (1950); *Ralé* (1951). Fundou sua própria companhia com a atriz (e esposa) Nydia Licia (1926–2015), além de ter trabalhado com diretores que ajudaram a escrever a moderna dramaturgia teatral brasileira: Adolfo Celi, Paschoal Carlos Magno, Ruggero Jacobbi, Bibi Ferreira, Flaminio Bollini Cerri...

Sua estreia na TV aconteceu no ano de 1954, na Televisão Record de São Paulo, com dois programas – *Um personagem no ar* e *Romance*, que abriram o caminho de Cardoso até o sucesso internacional de Antonio Maria, de Geraldo Vietri, na Televisão Tupi de São Paulo. “Seria o seu maior sucesso”, relata Nydia Licia em Sergio Cardoso, imagens de sua arte (2004, p. 132):

Desta vez ele seria um português muito fino, falando com sotaque lusitano, que se oferece como motorista numa casa brasileira de classe média alta. Um bigode preto foi sua única caracterização. (...) Contracenou dessa vez com Araci Balabanian. Na novela declamava versos de Camões e de outros autores. No disco que foi lançado pela emissora ele gravou quatro faixas: duas com poesias e duas cantando fados. (idem, p. 133)

O ano era 1968 e o sucesso da novela foi tão grande que ele recebeu o título de Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique, em Portugal, sendo recebido pelo Primeiro Ministro Marcelo Caetano (Licia, 2004).

Se tudo corria tão bem, quando foi que o trem descarrilhou, causando a controvérsia que marcou sua carreira em 1969? Foi justamente no seu próximo sucesso, *A Cabana do Pai Tomás*,

em que Cardoso faria três papéis distintos: o presidente Abraham Lincoln, o grego Dimitrios e o protagonista Pai Tomás, sendo este um homem negro que gerou a controvérsia, em discutido episódio de black face, quando um ator branco é pintado de negro para entrar em cena.

2. A Cabana do Pai Tomás e blackface

O Pai Tomás é um santo, mas os militantes da emancipação negra dos anos 60 teriam preferido um herói.

José Vítor Malheiros

Harriet Beecher Stowe (1811–1896), escritora branca e abolicionista, publicou A Cabana do Pai Tomás em 1851–1852, em fascículos no jornal, e, posteriormente, ele se tornaria o romance mais vendido do século 19². Este é o resumo da obra conforme apresentado pelo Instituto Smithsonian:

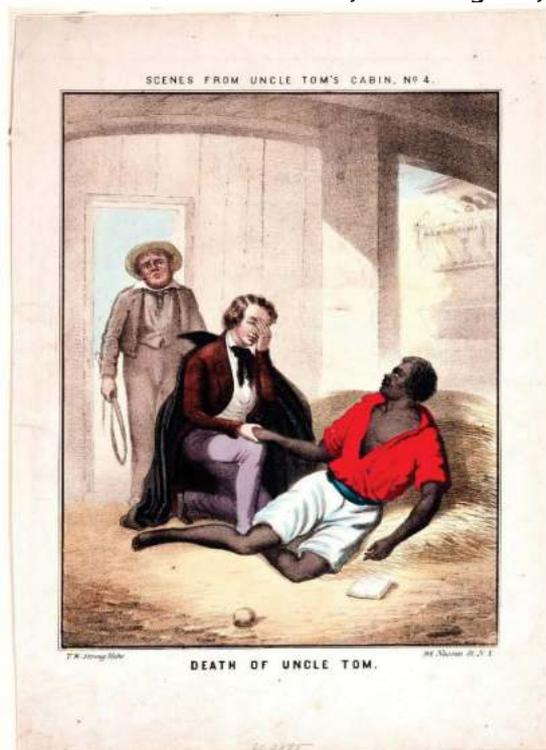
Ele apresenta um homem negro escravizado, espiritualizado e religioso chamado Tomás, que é vendido por seu dono que atravessa dificuldades financeiras no Kentucky para uma plantação na Louisiana. Lá, suas crenças cristãs espalham esperança para seus companheiros escravos e o capacitam a suportar as duras surras de seu cruel mestre. Ele é finalmente chicoteado até a morte após se recusar a revelar a localização de dois escravos fugitivos (...).

Depois que Tom foi vendido de sua casa em Kentucky para trabalhar na Louisiana, sua esposa, Chloe, convenceu seus antigos donos, os Shelby, a permitir que ela fosse contratada como padeira em Louisville. Seu salário seria então economizado e usado para comprar Tom de volta. Enquanto isso, na plantação de Tom na Louisiana, dois escravos que foram explorados sexualmente por seu dono, Simon Legree, decidem escapar. Quando Tom não revela sua localização ao seu mestre, Legree o chicoteia até a morte. Esta impressão colorida de cerca de 1853 (Nota: ver Figura 2) retrata o momento em que George Shelby chega para comprar Tomás e encontra o homem prestes a morrer. Tomás reclinou-se contra uma pilha de feno, embora, na impressão, nenhum de seus ferimentos seja

² Os dados são da Instituição Smithsonian, disponíveis em https://americanhistory.si.edu/collections/object/nmah_324704. Acesso em: 11 jan. 2025.

visível e ele parece assustado, mas saudável. George cobre o rosto com uma mão enquanto começa a chorar e usa a outra para apertar a mão estendida de Tomás. Atrás de George, está um Simon Legree com aparência não arrependida, segurando um chicote, o instrumento da morte de Tom, em sua mão direita. Comparado à figura dominante e admiravelmente vestida de Shelby, Legree é retratado como um homem pequeno e desganhado. (*idem*, tradução nossa)

Figura 2 – A morte de Pai Tomás, litografia de Thomas W. Strong, 1853. Museu Nacional de História Americana, Washington, Estados Unidos



Fonte: Museu Nacional de História Americana³

“A Cabana do Pai Tomás é um melodrama típico do século XIX, repleto de elementos românticos que apelam ao sentimentalismo do leitor”, escreveu Carme Manuel na National Geographic, enumerando os componentes do romance: “o sofrimento dos fracos, a religiosidade edificante, as separações e reuniões finais entre os protagonistas, a exemplaridade dos inocentes e o castigo dos malvados”⁴.

³ Disponível em https://americanhistory.si.edu/collections/object/nmah_324704. Acesso em: 11 jan. 2025.

⁴ Disponível em https://www.nationalgeographic.pt/historia/a-cabana-do-pai-tomas-o-romance-que-mudou-a-historia-da-america_3072. Acesso em: 11 jan. 2025.

No Brasil, o livro causou influências: Bernardo Guimarães (1825–1884) publicou em 1875 *A Escrava Isaura*, que, se por um lado romantizou a escravidão, por outro abriu a discussão para camadas brancas da população sobre o abolicionismo. Em 1950 Maria Dezonne Pacheco Fernandes (1910–1998) publicou *Sinhá-Moça*, que foi um grande sucesso editorial e virou o filme de mesmo título da Cia Cinematográfica Vera Cruz, lançado em 1953, além de duas versões no formato telenovela, em 1986 e 2006, ambas devidamente açucaradas, como exigem os espectadores que apreciam o gênero.

De volta aos Estados Unidos na segunda metade do século 19, a repercussão de materiais ligados ao livro foi imensa – gravuras, brinquedos, desenhos, ilustrações⁵ – a maior parte produzida e distribuída de maneira ilegal, sem que a autora recebesse créditos por isso. Nestas ilustrações, os negros são representados de maneira caricata, com lábios deformados, partes do corpo exageradas e outros problemas ligados ao racismo, o que, de modo geral, é uma temática oposta ao que o livro de Stowe propõe.

Da mesma maneira, o teatro se apodera da temática e, como mostra Jane Ford em *The Story of Uncle Tom's Cabin Spread from Novel to Theater and Screen*⁶, acontecem os Tom Shows, ou em tradução literal, Os shows do Tomás. Ford cita em seu artigo John Frick, que explica que

Os Tom Shows, como eram conhecidos, eram onipresentes e parte da cultura comum no final do século XIX e no início do século XX, disse Frick – um fenômeno teatral que unia cultura, comércio e ideologia. (*idem*, tradução nossa)

O livro havia vendido na primeira semana 10 mil cópias; no primeiro ano, 300 mil; em 1861, as vendas atingiram o

5 Há um curioso museu em Big Rapids, Michigan, Estados Unidos, chamado Jim Crow Museum, cujo recorte patrimonial é exatamente este tipo de material racista, e que deve ser combatido. O site deles é <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/>, e há uma farta visita virtual. Nosso acesso foi em 11 jan. 2025.

6 Que pode ser acessado aqui: <https://news.virginia.edu/content/story-uncle-tom-s-cabin-spread-novel-theater-and-screen>.

total de 4,5 milhões de exemplares⁷. Muitas pessoas nos Estados Unidos perceberam que havia dinheiro a ser ganho com produções e shows teatrais de *A Cabana do Pai Tomás*, e as primeiras foram feitas com atores brancos em blackface, “mas depois da Guerra Civil, alguns atores afro-americanos foram incluídos nas produções. Ironicamente, a primeira vez em que um afro-americano desempenhou o papel-título foi no Sul – em Kentucky”, esclarece Frick, que em seu livro, *A Cabana do Pai Tomás no Palco e na Tela Americanos*, cita que mais de 400 companhias diferentes “viajaram e apresentaram alguma versão teatral da história” (*idem*, tradução nossa). Como era de se esperar, muitas produções se tornaram anti-Pai Tomás, que visavam “apagar qualquer sentimento abolicionista e eram produções anti-negros” (*idem*, tradução nossa), racistas, como esclarece Frick.

Não foi, no entanto, a disseminação das produções sobre *A Cabana do Pai Tomás* que difundiu o uso do blackface. “O blackface é uma prática que tem pelo menos 200 anos. Acredita-se que ela tenha se iniciado por volta de 1830 em Nova York”, diz reportagem publicada pela BBC News Brasil⁸. O texto é bem elucidativo/educativo:

Era uma prática na qual pessoas negras eram ridicularizadas para o entretenimento de brancos. Estereótipos negativos vinham associados às piadas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

No século 19, atores brancos usavam tinta para pintar os rostos de preto em espetáculos humorísticos, se comportando de forma exagerada para ilustrar comportamentos que os brancos associavam aos negros. Também ridicularizavam os sotaques dos personagens que incorporavam nas peças.

Isso surgiu numa época em que os negros nem eram autorizados a subir nos palcos e atuar, por causa da cor da pele. (*idem*)

A personagem citada, criada em 1830, foi Jim Crow, uma

⁷ Dados disponíveis em <https://www.publico.pt/2005/01/18/jornal/a-cabana-do-pai-tomas--de-harriet-beecher-stowe-o-livro-que-levou-ao-fim-da-escravatura-americana-24>. Acesso em: 11 jan. 2025.

⁸ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321>. Acesso em: 12 jan. 2025.

criação de Thomas Rice, que era conhecido como o Pai dos Menestréis⁹.

Nas telas norte-americanas (Figura 3) a peça chegaria ao formato filme em 1903, dirigido por Edwin Porter, em uma versão de 12 minutos. Deveria ser comemorado, pois era o primeiro personagem negro em um filme americano, mas “ironicamente, o Pai Tomás foi interpretado por um ator branco sem nome, colorido com maquiagem preta”¹⁰.

Figura 3 – As empresas cinematográficas adaptaram o texto de Stowe e este caminhão é um exemplo da divulgação feita por eles.



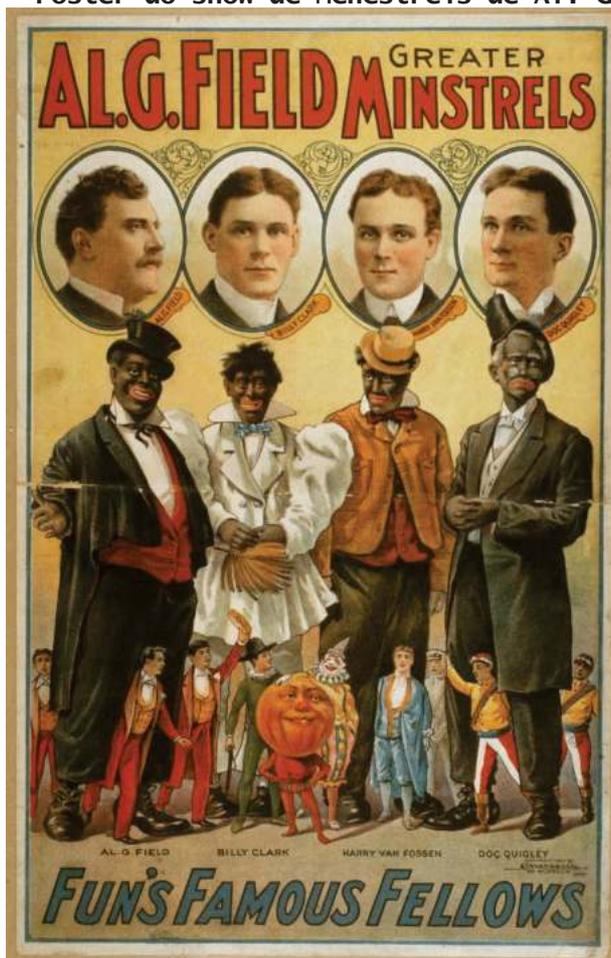
Fonte: UVA Today

O pôster da figura 4, da Companhia de Menestréis de Alfred Griffin Hatfield (1848–1921) não foi escolhido aleatoriamente: a proposta foi mostrar como o que se valorizava era a transformação do homem branco no “*homem negro*”. O rosto era pintado com maquiagem preta, o nariz alargado com rolhas, a boca pintada de maneira exagerada; e os trajes eram exagerados, desproporcionais, em cores chamativas.

⁹ Saiba mais sobre este assunto no site do Museu Nacional de História e Cultura Africano Americana. O texto é Blackface: the birth of an American Stereotype. Disponível em: <https://nmaahc.si.edu/explore/stories/blackface-birth-american-stereotype>. Acesso em: 12 jan. 2025.

¹⁰ Disponível em <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/tom/homepage.htm>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Figura 4 – Pôster do show de Menestréis de Al. G. Field, 1907.



Fonte: The Library of Congress¹¹.

Essa espécie de criação/recriação/mascaramento corporal foi possivelmente a fonte de inspiração para o trabalho que Sérgio Cardoso propôs em 1969.

3. A Cabana do Pai Tomás e TV Globo

“A TV Globo convidou Sérgio para A Cabana do Pai Tomás. (...) Sérgio, que sempre quisera interpretar um negro, aceitou.”

Nydia Lícia

Adaptada por Hedy Maia, A Cabana do Pai Tomás foi uma novela exibida pela TV Globo entre 7 de julho de 1969 e 1 de março de 1970 com um total de 205 capítulos, na faixa

¹¹ Disponível em <https://www.loc.gov/resource/var.0224>. Acesso em: 12 jan. 2025.

das 19h. A direção coube a Fabio Sabag, Daniel Filho, Régis Cardoso e Walter Campos.

O site Memória Globo resume assim a trama:

A história, inspirada em romance homônimo de Harriet Beecher Stowe – que impulsionou o movimento abolicionista nos Estados Unidos –, mostra o conflito entre os escravos norte-americanos plantadores de algodão e os ricos proprietários de terra no sul do país. A luta pela liberdade é liderada por Pai Tomás (Sérgio Cardoso) e sua esposa Cloé (Ruth de Souza)¹².

Um incêndio de grandes proporções exigiu mudanças na produção da telenovela, causando mudança nos planos:

Para a novela, foram construídos dois estúdios na emissora em São Paulo. Uma embarcação do século XIX foi reproduzida para as gravações e uma colheita de algodão, numa fazenda de Campinas foi antecipada exclusivamente para que o local servisse de locação para a história. Porém, com o incêndio que destruiu parcialmente as instalações da emissora na capital paulista, apenas uma semana após a estreia da novela, a equipe de produção foi obrigada a se transferir para o Rio de Janeiro, onde passou a contar com menos recursos (*idem*).

Carlos Gil, o lendário figurinista da TV Globo, era quem já cuidava dos trajes antes da mudança para o Rio de Janeiro. Assim ele é descrito no livro *Entre tramas, rendas e fuxicos*:

Carlos Gil, reverenciado por todos os figurinistas, que dizem ter aprendido muito com ele – especialmente o desafio de unir qualidade e agilidade para lidar com o tempo escasso, um dos vilões do trabalho (...). Experiente, o figurinista vinha de uma época em que era comum lançar mão de truques como abrir o fundo de camisas e colarinhos e acrescentar tiras para amarrar as pontas, possibilitando que elas fossem usadas por diferentes atores (...). Como chefe da costura da TV Globo, (...), comandou um time de costureiras e alfaiates com grande domínio da arte de confecção. Fez escola. (Memória Globo, 2007, p.49)

¹² Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/noticia/a-cabana-do-pai-tomas.gh.html>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Figura 5 – Ruth de Souza em A Cabana do Pai Tomás, 1969



Fonte: Memória Globo.

É necessário lembrar que A Cabana do Pai Tomás foi transmitida em preto e branco, já que a primeira telenovela colorida só foi televisionada em 1973 – O Bem-Amado, que também foi a primeira produção a ser vendida para o exterior. O figurinista de O Bem-Amado foi... Carlos Gil.

O figurino de Carlos Gil funcionou muito bem em preto e branco, a despeito do episódio de blackface – era muito trabalhado em volumes, texturas e contrastes, como exigiam o cinema e a televisão do período.

Daniel Filho, também lendário diretor da TV Globo, deu o seguinte depoimento: “Dirigi A Cabana do Pai Tomás até tirá-la do buraco. Era muito ruim. O texto era inverossímil, as cenas absurdas”¹³.

¹³ Disponível em https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/cabana-do-pai-tomas-novela-de-1969-gerou-revolta-por-blackface.phtml#google_vignette. Acessado em 12 jan. 2025.

A Memória Globo avaliou a novela do seguinte modo:

A novela não obteve o sucesso esperado na época. Para a maioria dos telespectadores, a história era inacessível. A transferência da produção para o Rio de Janeiro resultou em grandes transtornos para a equipe, que passou a contar com menos recursos. Além disso, a novela exibida no mesmo horário pela TV Tupi, Nino, o Italianinho, tinha a preferência do público de São Paulo. Todos esses fatores contribuíram para os baixos índices de audiência da novela¹⁴.

4. Sérgio Cardoso e o blackface

Tenho vários amigos de cor que são como meus irmãos. Tenho afilhados pretinhos que amo como se fossem meus filhos.

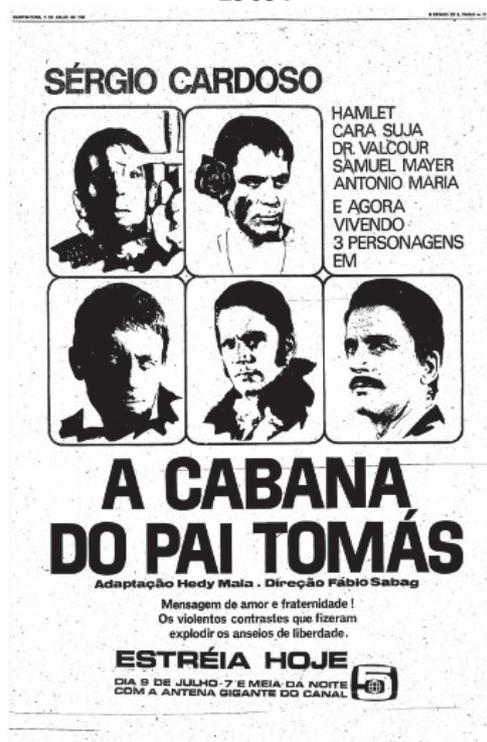
Sérgio Cardoso

A epígrafe que introduz este subitem deste artigo já dá conta da trágica repercussão do uso do blackface por Sérgio Cardoso: era um pedido de desculpas ao público, como se Cardoso reconhecesse que não deveria ter feito o papel, apesar do que foi declarado por sua esposa Nydia Lícia: “Sérgio, que sempre quisera interpretar um negro, aceitou” (Lícia, 2009, p.139).

A Figura 6 mostra o anúncio da estreia de A Cabana do Pai Tomás, e traz em destaque quais haviam sido os grandes papéis de Cardoso, como já citado: Hamlet (no teatro), Cara Suja (telenovela da TV Tupi, em que desempenhou a personagem Ciccilo), Dr. Valcour (da novela o Preço de uma vida), Samuel Mayer (da novela Somos Todos Irmãos) e Antonio Maria (sucesso que já foi citado).

¹⁴ Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/noticia/a-cabana-do-pai-tomas.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Figura 6 – Anúncio da estreia de A Cabana de Pai Tomás, na TV Globo. 1969.



Fonte: Memória Globo.

Curiosamente, não consta na divulgação a patrocinadora da telenovela, a Colgate-Palmolive, cuja agência de publicidade era “responsável pelo patrocínio das novelas na década de 1960 no Brasil”, e que de modo direto exigiu a escolha de Sérgio Cardoso para o papel de Pai Tomás: “A filial norte-americana da agência escolheu o ator Sérgio Cardoso para interpretar o escravo Tomás”¹⁵.

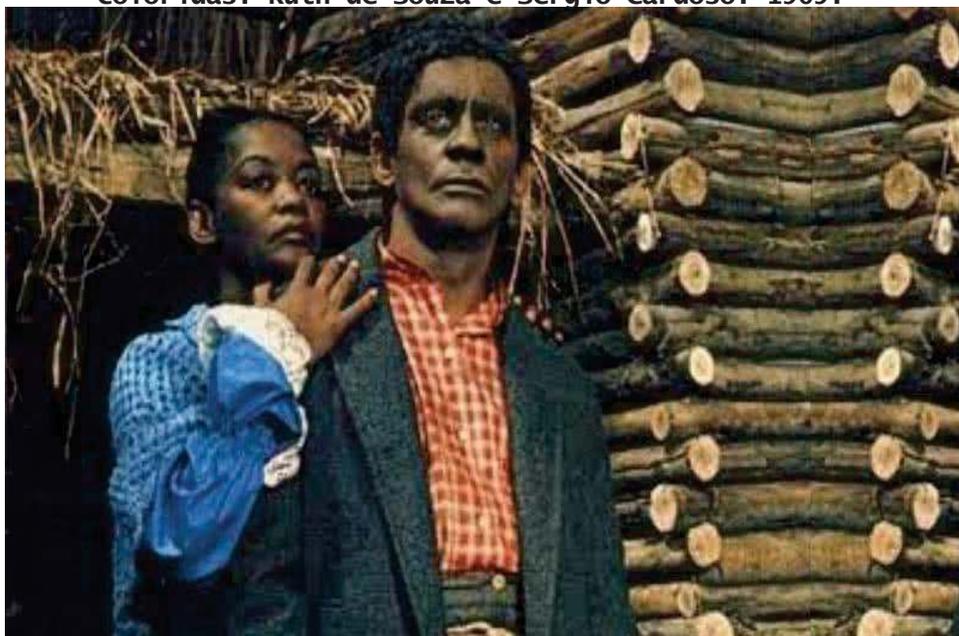
Foi a partir desta escolha que Sergio Cardoso aceitou e assumiu o papel do protagonista negro Tomás, utilizando-se do blackface. Para isso, o infeliz processo de caracterização do ator contou com maquiagem importada, mudanças artificiais em seu nariz e uso de perucas, utilizando de um mascaramento corporal para o feito.

A maquiagem utilizada pela emissora na telenovela foi importada, segundo relatado em jornais da época, dos Países Baixos e sua utilização se estendia a todo o corpo do

¹⁵ Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/noticia/a-cabana-do-pai-tomas.ghml>. Acesso em: 11 jan. 2025.

ator. Junto à maquiagem, o uso do blackface faz parte da caracterização como um todo, incluindo o uso de rolhas no nariz do ator e de perucas (GLOBO, 2003).

Figura 7 – Foto de divulgação de A Cabana do Pai Tomás para revistas coloridas. Ruth de Souza e Sérgio Cardoso. 1969.



Fonte: Aventuras na história¹⁶.

O texto publicado na Revista Intervalo, datado de 1969, relata que foram feitos os primeiros testes da caracterização do ator, onde é possível ler:

Os primeiros testes com a tão discutida maquiagem de Sérgio Cardoso como protagonista da novela “A Cabana do Pai Tomás” foram fotografadas e aí estão os resultados: um negro velho, em nada parecido com o galã Antônio Maria. É possível que, no decorrer da estória, vocês vejam o Pai Tomás ir envelhecendo e seus cabelos irem ficando ralos. Para estas fotos, Sérgio usou a maquiagem que trouxe da Holanda, em sua última viagem. Além de escurecer a pele, ele achatou o nariz artificialmente, ficou irreconhecível.¹⁷

¹⁶ Disponível em https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/cabana-do-pai-tomas-novela-de-1969-gerou-revolta-por-blackface.phtml#google_vignette. Acesso em: 12jan. 2025.

¹⁷ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=109835&pagfis=22732>. Acesso em: 13 jan. de 2025.

Já neste momento, foram iniciadas as discussões acerca da escalação do ator para o papel principal e o uso do blackface para sua caracterização. O debate sobre o protagonista e a escolha da emissora se acaloraram, inclusive pela mídia. Neste momento, dois grandes nomes se destacam: o da atriz Ruth de Souza e do ator e dramaturgo Plínio Marcos.

Em sua coluna “Navalha na Carne”, no Jornal Última Hora de 2 de maio de 1969, Plínio Marcos já inicia seus movimentos contra a escolha do ator para o papel, e suas críticas aparecem novamente em outros meios de comunicação, como na Revista Intervalo. Plínio ascende como um dos líderes da campanha contra a escolha da emissora.

Em sua coluna ele diz:

Mas o que mais me atucana a cuca é a presepada que o canal 5 [Tevê Globo] está armando. Eles vão montar A Cabana do Pai Tomás em forma de novela. E o Tomás, que é um personagem negro, vai ser vivido por um ator branco. Vão tingir o panaca de preto. Vão deixar uma curriola de bons atores crioulos fazendo papel de esparro. E o branco tingido se badalando de estrela. O Sérgio Cardoso é o cara que vai se prestar ao triste papel de se pintar de preto pra fazer o Tomás. E vai, na mesma novela, fazer mais dois outros papéis. O de Lincoln e um outro branco. Vai dar seu show. Vai satisfazer sua vaidade. Enquanto Samuel, Dalmo Ferreira, Benê Silva (formado pela Escola de Arte Dramática), Milton Gonçalves, Antônio Pitanga, Carlão Caxambu e tantos outros atores negros, de valor provado, ficam pegando as rebarbas das quebradas da vida.

[...] Não podemos permitir que no Brasil que a gente ama se faça uma afronta à dignidade humana. Existem terras onde é comum pintar branco de negro pra entrar no palco. Mas esse ridículo exemplo a gente não pode aceitar. Vamos protestar com energia. Essa pornografia não pode ir ao vídeo. Essa imoralidade não pode invadir os lares.

Meus cupinchas, os atores negros sabem como seria ridículo eles se pintarem de branco, no Brasil, para viverem o papel de Lincoln, que eles tanto amam. Eles só querem fazer o Tomás. Mostrar que têm talento. E isso não é racismo. É um direito do homem de cor. (MARCOS, 1969).¹⁸

¹⁸ Disponível em: <https://www.pliniomarcos.com/jornaiserevistas/lincoln.htm>. Acesso em: 13 jan. de 2025.

Além da crítica à escolha do ator e o uso do blackface, Plínio Marcos também nos faz refletir sobre a importação dessa prática, inicialmente difundida nos Estados Unidos, para o Brasil. O dramaturgo reitera:

Já sei: muita gente vai se agarrar em exemplos de outros países, pra dizer que sempre foi assim. Só que uma outra coisa tá na cara: as cretinices dos outros a gente não deve imitar. Confere?¹⁹

Entretanto, a telenovela já estava em produção e, mais uma vez, a importação dessa prática já havia se concretizado.

Em contrapartida, Ruth de Souza, atriz negra coprotagonista de Sergio Cardoso na telenovela rebatia críticas ao amigo. A atriz não negava o racismo presente no meio televisivo, mas defendia a escolha do ator no papel de Tomás, que o fazia “com muita dignidade”.

Em entrevista Ruth de Souza comenta, para a Revista Intervalo:

“Não vejo razão para reclamações. Há muita gente querendo defender o negro, enquanto ele, na realidade, não pediu defesa nenhuma.” Ela é fundadora do Teatro Experimental do Negro, no Rio.

Plínio acha que Sérgio Cardoso não deveria aceitar o papel de Pai Tomás, o que significaria uma oportunidade para bons atores negros que “ficam esquecidos, desprestigiados, a perigo”. Ruth renova seus argumentos, em favor do ex-Antônio Maria: “Sergio sempre fez seus trabalhos com muita dignidade – o judeu, o português, o italiano. Não vejo por que também não possa fazer dignamente o negro.

Nem é o caso de dizer que se estão roubando aos negros boas oportunidades de trabalho, ainda segundo Ruth, que concede sua entrevista pouco antes de entrar em cena no Teatro de Arte Israelita Brasileiro, em São Paulo, para desempenho do papel na 30ª peça de sua carreira, de que fazem parte também 28 filmes. “Não é verdade que Sérgio tomou o lugar de um negro, porque todos os

¹⁹ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=109835&pagfis=22101>. Acesso em: 13 jan. 2025.

artistas negros que conheço estão trabalhando, ou estão ligados a novelas, ou fazem outra coisa. Isso de se pintar branco de preto, afinal, nem é coisa nova: Paulo Autran já fez Otelo, Maria Della Costa e Sebastião já se pintaram para trabalhar em “Gimba”.²⁰

Apesar de, mesmo à época, aparecerem os questionamentos de se a atriz verdadeiramente apoiava Sergio Cardoso no papel, ou apenas lutava para manter seu trabalho, em entrevistas posteriores²¹ Ruth manteve seu posicionamento a favor do amigo, que também a indicou para o papel na telenovela. Yara Marques, atriz e comediante, foi uma das que criticou o posicionamento de Ruth de Souza, acreditando que a atriz apenas “estava defendendo o pão de cada dia”²².

Diversos nomes reconhecidos se envolveram contra ou a favor da escolha de Sergio para o papel, entre eles Tônia Carrero, Bibi Ferreira, Regina Duarte, Paulo Goulart, Juca de Oliveira, além é claro dos já citados anteriormente no texto. O fato é que, mesmo no período, muitos já questionavam e rebatiam a terrível técnica do blackface, faceta racista presente na arte e no entretenimento.

²⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/109835/22148>. Acesso em: 13 jan. de 2025.

²¹ Um exemplo é a entrevista de Ruth de Souza para o Memória Globo, disponível no webdoc sobre a novela “A Cabana do Pai Tomás”, em que reafirma o trabalho bem-feito do ator Sergio Cardoso no papel de pai Tomás. Neste mesmo webdoc vemos o ator Milton Gonçalves estabelecendo sua crítica à escolha do protagonista negro ser interpretado por um homem branco. Parte do webdoc está disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/noticia/a-cabana-do-pai-tomas.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2025.

²² Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/109835/22236>. Acesso em: 13 jan. 2025.

Figura 6 – Ruth de Souza e Sérgio Cardoso na novela. 1969.



Fonte: Memória Globo²³.

5. Considerações finais

A prática do blackface sempre foi repugnante, sob muitos aspectos, e não deixou de ser no episódio envolvendo Sérgio Cardoso.

Juliana Birchal escreveu que

a experiência do mascaramento não se restringe a uma linguagem teatral determinada – é composta por uma série de códigos, leis e procedimentos a ela atribuídos –, mas determina a instauração de um corpo poético em diálogo com a alteridade que se estabelece no espaço limítrofe e dual entre o eu e o outro. (Birchal, 2024, p. 16)

Não é possível imaginar um processo artístico bem-sucedido quando arte e racismo são exercidos ao mesmo tempo.

Rebeca Campos Ferreira, doutora em Antropologia da Universidade de São Paulo, escreveu com brilhantismo em 2015 para a Revista Época, quando a companhia de São Paulo Os

²³ Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/noticia/a-cabana-do-pai-tomas.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2025.

Fofos Encenam pensava em relançar o espetáculo A mulher do trem, em que havia um caso de blackface, o seguinte texto:

A historicidade do blackface não é a absolvição do racismo que carrega, ao contrário, é justamente o que permite compreender o quão ofensivo é e o motivo pelo qual deve ser combatido nos palcos contemporâneos. Quando se pensa na origem histórica desta prática, vê-se que o racismo sempre a embasou²⁴.

Ainda que equivocado e racista, o blackface oferece uma reflexão do ponto de vista da criação do traje enquanto mascaramento corporal.

Gustavo Fioratti, jornalista, escreveu para a Folha de São Paulo sobre a repercussão da peça de Os Fofos Encenam e seu “cancelamento”, alguns meses depois, quando o Itaú Cultural – onde acontecia o espetáculo – e os responsáveis por ele, Os Fofos, suspenderam o espetáculo e promoveram um debate público sobre o tema. Disse ele:

Após o cancelamento da sessão da peça em maio, o Itaú Cultural realizou um debate sobre o conflito, reunindo artistas e ativistas. Os Fofos decidiram então abdicar da composição original – a nova versão será exibida sem a pintura usada pela peça há cerca de dez anos (**o figurino da montagem ganhou o Prêmio Shell em 2003**) (Grifo nosso)²⁵.

Fioratti escreveu sobre uma tendência contemporânea de considerar a pintura como traje, o que já temos discutido há muitos anos. É curioso como tema de pesquisa – a pintura, a maquiagem como traje – mas no caso do blackface – mesmo sendo entendido como um processo de mascaramento corporal, e, portanto, incluindo o traje também, continua sendo racista e equivocado nos tempos atuais.

24 Disponível em <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/maquiar-ator-branco-com-tinta-preta-e-uma-forma-de-racismo-sim.html>. Acesso em: 11 jan. 2025.

25 Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1686056-peca-a-mulher-do-trem-abre-mao-de-blackface-apos-criticas-de-racismo.shtml>. Acesso em: 13 jan. 2025.

Em tempo: as discussões sobre o uso de blackface ainda estão longe de serem encerradas e surge uma nova modalidade de racismo que vai trazer muita discussão: o *blackfishing*, termo cunhado há dois anos pela jornalista Wanna Thompson, no Twitter. “*Blackfishing* é quando figuras públicas brancas, influenciadores e similares fazem todo o possível para parecerem negros”, explicou Thompson, acrescentando que “pode ser por bronzear a pele em excesso na tentativa de atingir a ambiguidade e usar estilos de cabelo e roupas que foram notabilizados por mulheres negras”.²⁶

A nova discussão promete ser intensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Lucio Allemand. O negro é um “outro”: a representação dramática do negro no Brasil a partir da polêmica racial entre Nelson Rodrigues e o seu “sucessor”, Plínio Marcos. In: **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética/ Curitiba, PR, 2011**. Disponível em: <https://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1174-1.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.

COSTA, Tiago de Jesus Santos; SANTOS, William Fernando de Oliveira. **Protagonismo negro na telenovela brasileira: uma revisão da década de 1960**. In: Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Belo Horizonte, MG, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/tiago-de-jesus-santos-costa.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.

GLOBO, **Dicionário da TV, v. 1: Programa de dramaturgia & entretenimento/ Projeto memória das Organizações Globo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

INTERVALO. Plínio Marcos, sem papas na língua, denuncia: há boicote na cabana. Revista Intervalo, Rio de Janeiro, ano VII, n. 333, pp.32-33, 1969. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=109835&pagfis=22100>. Acesso em: 13 jan. 2025.

INTERVALO. Ruth de Souza acha que Plínio Marcos está fazendo

²⁶ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-que-significa-blackfishing-e-por-que-artistas-estao-envolvidos-nisso/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

“onda”: atriz negra defende Sérgio Cardoso. Revista Intervalo, Rio de Janeiro, ano VII, n. 334, pp. 12-13, 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/109835/22148>. Acesso em: 13 jan. de 2025.

INTERVALO. Há muita discussão em torno dessa novela. Só porque Sérgio Cardoso é o pai branco. Revista Intervalo, Rio de Janeiro, ano VII, n. 335, p. 32, 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/109835/22236>. Acesso em: 13 jan. 2025.

INTERVALO. As primeiras fotos do Pai Tomás. Revista Intervalo, Rio de Janeiro, ano VII, n. 340, p. 39, 1969. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=109835&pagfis=22732>. Acesso em: 13 jan. de 2025.

LÍCIA, Nydia. **Sérgio Cardoso: Imagens de Sua Arte**. São Paulo: Imprensa Oficial (Coleção Aplauso), 2004.

GLOBO, Memória. **Entre tramas, rendas e fuxicos**. São Paulo: Globo, 2007.

OLIVEIRA, Marcelo Ribeiro. **A TV mais em branco do que em preto: a delimitação do espaço do negro em “A cabana do Pai Tomás” (1969)**. In: II Colóquio Internacional de História: fontes históricas, ensino e história da educação/ Campina Grande, PB, 2010. Disponível em: <https://acesse.dev/Nlw8C>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PRUDENTE, Celso Luiz [org.]; ALMEIDA, Rogério de [org.]. **Cinema negro: educação, arte, antropologia**. São Paulo: FEUSP, 2021.

Sites:

A Cabana do Pai Tomás: Novela de 1969 gerou revolta por ‘blackface’. [São Paulo], [2022]. Disponível em https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/cabana-do-pai-tomas-novela-de-1969-gerou-revolta-por-blackface.phtml#google_vignette. Acesso em: 12 jan. 2025.

BLACKFACE: the birth of an American Stereotype. [Washington], [s.d]. Disponível em: <https://nmaahc.si.edu/explore/stories/blackface-birth-american-stereotype>. Acesso em: 12 jan. 2025.

DEATH of uncle Tom. In: National Museum of American History. [Washington], [s.d]. Disponível em: https://americanhistory.si.edu/collections/object/nmah_324704. Acesso em: 29 jan. 2025.

FORD, Jane. The Story of ‘Uncle Tom’s Cabin’ Spread from Novel to Theater and Screen. In: UVA Today. Virginia, 12 nov. 2012. Disponível em: <https://news.virginia.edu/content/story-uncle-tom-s-cabin-spread-novel-theater-and-screen>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MAQUIAR ator branco com tinta preta é uma forma de racismo? Sim

Rebeca Campos Ferreira: “A historicidade do blackface não é a absolvição do racismo que carrega”. [Rio de Janeiro], [2015]. Disponível em <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/maquiar-ator-branco-com-tinta-preta-e-uma-forma-de-racismo-sim.html>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MARCOS, Plínio. Lincoln só queria a igualdade dos homens: 1º artigo de uma série. *In*: PLÍNIO Marcos Site Oficial. [São Paulo], 02 mai. 1969. Disponível em: <https://www.pliniomarcos.com/jornaiserevistas/lincoln.htm>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MALHEIROS, José Vitor. “A Cabana do Pai Tomás”, de Harriet Beecher Stowe o livro que levou ao fim da escravatura americana. *In*: Público. [S.l.], 18 jan. 2005. Disponível em: <https://www.publico.pt/2005/01/18/jornal/a-cabana-do-pai-tomas--de-harriet-beecher-stowe-o-livro-que-levou-ao-fim-da-escravatura-americana-24>. Acesso em: 29 jan. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. **A Cabana do Pai Tomás**. [S.l.], 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/noticia/a-cabana-do-pai-tomas.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2025.

O que é ‘blackface’ e por que é considerado tão ofensivo? *In*: BBC News Brasil. [S.l.] 20 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321>. Acesso em: 29 jan. 2025.

O que significa ‘blackfishing’ e por que artistas estão envolvidos nisso. Prática de alguns influenciadores e artistas brancos, blackfishing é visto como prejudicial aos negros. [São Paulo], [2021]. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-que-significa-blackfishing-e-por-que-artistas-estao-envolvidos-nisso/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

PEÇA ‘A Mulher do Trem’ abre mão de ‘blackface’ após críticas de racismo. [São Paulo], [2015]. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1686056-peca-a-mulher-do-trem-abre-mao-de-blackface-apos-criticas-de-racismo.shtml>. Acesso em: 13 jan. 2025.

THE Tom Caricature. [Michigan], [s.d.]. Disponível em <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/tom/homepage.htm>. Acesso em: 11 jan. 2025.

Conhecendo os autores deste capítulo:



Sofia Bernardino Grunewald Candido: Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), bacharela em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo (EACH/USP), pesquisadora voluntária e integrante do Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo.

e-mail: sofia.grunewald@usp.br



Maria Eduarda Andreazzi Borges: Doutoranda e Mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ECA-USP (Programa Artes Cênicas). Especialista em Moda Criação pela Faculdade Santa Marcelina - FASM (2012). Trabalhou nos setores de Desenvolvimento, Produto e PPCP em fábrica de Malharia Retilínea; Criação, Desenvolvimento e Produção de Figurinos, Fantasias e Trajes para Umbanda e Candomblé. Foi uma das organizadoras dos livros *Dos bastidores eu vejo o mundo* (volumes 8 e 9) e *Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano - 43 anos de boas histórias*.

e-mail: mariaeduardapesquisa@gmail.com



Fausto Viana: É professor de cenografia e indumentária no Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. É autor, entre outros, dos seguintes livros: Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion; O Traje de cena como documento; Dos cadernos de Sophia Jobim. Desenhos de história da moda e de indumentária e o figurino teatral e as renovações do século XX.

e-mail: faustoviana@usp.br

PALAVRAS-CHAVE

Blackface; A Cabana do Pai Tomás; Traje de cena; Racismo.